

A Telenovela Discutida no Espaço Escolar¹

Cláudia de Almeida Mogadouro²

Mestranda da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Resumo:

O artigo relata a experiência de uma pesquisa de campo que serviu de base para a dissertação de mestrado da autora. Trata-se de um estudo de recepção, sob a perspectiva das mediações, da telenovela *Mulheres Apaixonadas*, entre jovens, numa escola pública da cidade de São Paulo. O descompasso entre a Escola e os meios de comunicação, a telenovela como parte integrante da cultura brasileira e o aproveitamento dessa experiência sócio-cultural de forma qualificada pelos educadores são algumas das reflexões que decorrem da experiência realizada e a partir das quais se espera contribuir para a discussão sobre a falta de diálogo no espaço escolar e para a formação de jovens críticos.

Palavras-Chave:

Telenovela; Escola; Juventude; Estudos de Recepção; Mediações;

1. Telenovela e Escola: Proximidades e Distâncias

Vivemos um momento de vertiginosas transformações que podem ser verificadas no mundo globalizado, mas que se concretizam na vida cotidiana, especialmente das populações urbanas. Tais transformações ocorrem simultaneamente nas instâncias políticas, econômicas e culturais, em escala mundial e em tal velocidade que nos desafia a construir novas categorias de interpretação da sociedade. A comunicação e a cultura ocupam lugar central na sociedade contemporânea, pois os meios de comunicação são parte decisiva dessa nova maneira de sentir e estar no mundo.

¹ Trabalho apresentado ao NP 14 - Ficção Seriada, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Historiadora, Especialista em Gestão de Processos Comunicacionais e Mestranda qualificada em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da USP, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Immacolata Vassallo de Lopes. É pesquisadora do Núcleo de Pesquisa de Telenovela da ECA-USP (NPTN). Endereço eletrônico: cmoga@uol.com.br.

É nesse contexto que se vê hoje a realidade do sistema escolar brasileiro: ao mesmo tempo em que a estrutura da Escola ainda se ampara num saber enciclopédico, num conjunto de normas fortemente hierarquizadas, com divisões rígidas nas disciplinas, permeia em seu interior o mundo mediado pelas relações comunicacionais, onde pulsa um ambiente difuso, descentrado e complexo.

Apesar de estar inserida em um sistema considerada falido por muitos, a Escola ainda expressa o momento do encontro presencial e da produção do conhecimento. É nela que residem as possibilidades de acesso à cultura letrada e às várias possibilidades de expressão. O jovem ainda passa horas preciosas da sua vida na escola e é possível que ainda veja nela alguma perspectiva de crescimento. É urgente que se busque a redução desse descompasso entre o discurso oficial da Escola e o discurso *subterrâneo* (Citelli, 1999), relacionado à *vida real* e permeado pela comunicação e cultura contemporâneas.

A pesquisa que norteou esse trabalho existiu por se acreditar que é essencial entender as mudanças necessárias na Educação para se obter algum resultado nas transformações da sociedade. Apesar de se considerar que o processo educacional pode ocorrer em vários ambientes, inclusive virtuais, a Escola não perde sua função de espaço privilegiado de produção do saber e de formação dos cidadãos. O presente trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de campo realizada em uma escola pública, de Ensino Médio, em São Paulo, onde se promoveu uma série de debates sobre a telenovela *Mulheres Apaixonadas*, de autoria de Manoel Carlos, em exibição no horário nobre durante um ano letivo³ (2003).

Buscou-se uma investigação sobre as experiências socio-culturais vividas através dos meios de comunicação, mas não de forma preconceituosa ou reducionista e, sim, como mediação de cultura, importantíssima para a formação dos indivíduos. Por isso, tentou-se trazer à tona esse *discurso subterrâneo* do espaço escolar, através de um estudo de recepção de um produto cultural que tem alta penetração entre os jovens: a telenovela.

Entre os objetivos estava o de investigar sobre a resignificação e construção de sentidos com a experiência socio-cultural da assistência à telenovela do horário nobre, aquela que é vista e comentada por milhões de telespectadores, nos mais diversos ambientes. Buscou-se compreender as formas de identificação e seus modos de ver a ficção televisiva. A estratégia escolhida foi a criação de um grupo de discussão, uma pesquisa qualitativa sob a perspectiva teórica das

mediações, entre os jovens estudantes, para analisar a recepção e qualificar o debate que já ocorre de forma espontânea.

A experiência da telenovela, por ser parte integrante da cultura brasileira, permeia a vida de toda a sociedade, não apenas de quem a assiste, uma vez que os temas abordados na telenovela facilmente contaminam a imprensa e os debates sociais.

Outro objetivo da pesquisa foi o de entender como a Escola lida com debates de temas sociais gerais veiculados pela *midia* e quais as possibilidades de incorporá-lo no processo pedagógico. Pretendeu-se, portanto, ir um pouco além de constatar a distância entre a TV e a Escola, mas fornecer suporte teórico e experimentações metodológicas que permitam aos educadores trabalhar a produção da ficção televisiva como uma experiência possível de mediação cultural.

Já se tornou lugar comum dizer que a Escola deve formar cidadãos críticos e que a televisão deveria ser uma aliada na difusão de valores que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa. Apesar de ser uma concessão pública, já se sabe que a programação televisiva não prima por cumprir suas responsabilidades sociais, regendo-se principalmente pelos interesses mercadológicos.

Diante da forte presença da televisão no cotidiano das crianças e jovens, é relevante um estudo, dentro do ambiente escolar, na perspectiva dos estudos das mediações. Tal ponto de vista das mediações não desconsidera o poder de manipulação especialmente da televisão. Sem endeusar ou satanizar os meios de comunicação, é importante a distinção:

(...) entre a indispensável denúncia da cumplicidade da televisão com as manipulações do poder e dos mais sórdidos interesses mercantis – que seqüestram as possibilidades democratizadoras da informação e as possibilidades de criatividade e de enriquecimento cultural, reforçando preconceitos racistas e machistas e nos contagiando com a banalidade e a mediocridade apresentada pela imensa maioria da programação – e o lugar estratégico que a televisão ocupa nas dinâmicas da cultura cotidiana das maiorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades. (MARTÍN-BARBERO e REY, 2001:26)

Considerado o produto cultural mais popular e lucrativo da televisão aberta, consumido por todas as camadas da nossa sociedade, a *telenovela brasileira*⁴ representa um fenômeno

³ A telenovela foi exibida de 17 de fevereiro a 10 de outubro de 2003, na faixa horária das 21 horas, pela Rede Globo de Televisão. O convívio quase diário com a escola, os professores e alunos de deu de fevereiro a dezembro do mesmo ano.

⁴ MOTTER (2000/2001:76) caracteriza a *telenovela brasileira* pelo cuidado com todos os aspectos envolvidos no processo de produção, entendido como o espaço que vai da arte de fazer bons roteiros, sobre bons temas, para bons atores, à qualidade que se

cultural que tem merecido a atenção de muitos pesquisadores, pela força como vem sendo apropriada pela cultura brasileira. Embora a telenovela tenha sua origem numa estrutura essencialmente melodramática, esse gênero percorreu um caminho muito interessante no Brasil, pois buscou uma forma própria de narrativa popular, pautada nas relações do cotidiano, agregando realismo e críticas sociais, construindo um produto representativo da modernidade brasileira, por juntar o moderno e o arcaico, um típico produto da hibridização cultural (Canclini, 2000).

Desde o final da década de 60 (mais particularmente a partir de *Beto Rockfeller*, 1968, quando o gênero firmou-se com sucesso ao apresentar personagens e temas do cotidiano da classe média urbana), a telenovela foi construindo um rosto brasileiro e se distanciando de sua origem – os melodramas mexicanos. O gênero foi se transformando com a participação de muitos autores e profissionais vindos do teatro, do cinema e do rádio. Mesmo debaixo de uma feroz censura, durante a ditadura militar, autores “de esquerda” encontraram na telenovela uma possibilidade, muitas vezes dissimulada, de trazer a milhares de telespectadores a crítica social e política.

Sobre essa forte identificação popular com a narrativa da ficção televisiva e o quanto suas polêmicas passaram a pautar as discussões coletivas, nos diz Maria Immacolata V. Lopes:

Quando uma novela galvaniza o país, nesse momento ela atualiza seu potencial de sintetizar o imaginário de uma nação, isto é, a sua identidade, ou o que é o mesmo, de se expressar como nação imaginada (LOPES, 2003:32)

A novela brasileira se firmou ao abandonar um estilo considerado *fantasioso*, mais identificado com a novela mexicana e se cristalizar com um estilo *realista*, que retratasse o cotidiano, buscando cada vez mais a verossimilhança e personagens com nuances, rompendo com o simplismo das novelas maniqueístas. Apesar da base do gênero ser o folhetim e seu final feliz, não se pode negar a contribuição desse produto cultural ao enriquecer os debates sobre a tolerância, a ética e outros temas relevantes.

Os receptores das telenovelas brasileiras acompanham por meses uma história bastante complexa, uma vez que há muitas tramas e núcleos paralelos em torno de uma problemática central. Criam-se laços afetivos com as personagens que não trazem exclusivamente problemas da esfera privada, como relacionamentos amorosos, familiares ou circunstâncias específicas. São colocadas em discussão as questões sociais em que essas personagens estão inseridas:

expressa na requintada produção audiovisual – com todas as implicações de preparação, elaboração e acabamento nas diferentes etapas produtivas.

preconceitos, diferenças de classe, questões éticas e políticas. Ao analisar os temas da vida pública e da vida privada, apresentados nas novelas, Lopes nos lembra que:

A fusão dos domínios do público e do privado realizada pelas novelas lhes permite sintetizar problemáticas amplas em figuras e tramas pontuais e, ao mesmo tempo, sugerir que dramas pessoais e pontuais podem vir a ter significado amplo. (ibid.:28)

A sociedade globalizada, entre outras contradições e paradoxos, ao mesmo tempo em que enaltece o individualismo, nos propõe alternativas de sociabilidade, mesmo dentro de casa, mesmo sozinhos. E os meios de comunicação muitas vezes exercem o papel de fazer circular um discurso que é compartilhado por muitos, inclusive na esfera doméstica. Entre os jovens, esse compartilhamento se faz de outra forma, não apenas através dos meios de comunicação de massa, uma vez ser próprio da juventude a necessidade da *tribo*, da identidade marcadamente jovem.

É nessa perspectiva que a discussão sobre as temáticas trazidas pela telenovela alcança possibilidades de aproveitamento, cujos caminhos a Escola ainda não encontrou, supõe-se. As relações das tramas cotidianas da telenovela brasileira, com as quais os receptores tão facilmente se identificam, os colocam na situação de falar de problemas individuais e coletivos. Edgar Morin nos fala, entre outros saberes para a educação do futuro:

é preciso restaurar (a unidade complexa da natureza humana), de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos. (Morin,2001a:15)

2. Primeira Etapa da Pesquisa de Campo – Dados Quantitativos

A escola escolhida foi a *Escola Estadual Brasília Machado (EEBM)*, situada no bairro da Vila Mariana, em São Paulo. A instituição apresenta, no conjunto dos alunos, grande diversidade socioeconômica: desde a classe média que migrou da escola particular a moradores de favela, em bairros periféricos próximos. No período matutino, há aproximadamente 700 alunos matriculados nos 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Os professores, particularmente os de língua portuguesa, foram muito receptivos à pesquisa e propuseram à coordenação pedagógica a inclusão do projeto no programa do ano letivo. Dessa forma, as reuniões semanais de planejamento também eram dedicadas ao acompanhamento da aplicação da pesquisa.

A incorporação do projeto no planejamento pedagógico foi positiva, porém trazia alguns impasses como o envolvimento de todos os 700 alunos do período matutino, o que inviabilizava o grupo de discussão e a pesquisa qualitativa. Mas como o primeiro contato se deu no início das

aulas de 2003, primeira semana de exibição da novela, havia bastante tempo ainda pela frente. A solução encontrada foi iniciar com uma pesquisa quantitativa, aplicar um questionário exploratório para todos os alunos, que permitisse colher dados sobre a assistência a telenovelas em geral: a frequência, as mais assistidas e os motivos pelos quais alguns não assistem. Depois, haveria uma redução progressiva do público pesquisado, ao longo do ano, com vistas à formação do grupo de discussão.

Após apresentação e discussão do projeto nas 18 salas de aula, sempre na companhia dos professores de língua portuguesa, foi aplicado o primeiro questionário em meados do mês de abril/2003. Alguns professores e alunos questionaram os motivos de não se escolher a novela *Malhação*, por ser uma produção dirigida ao público adolescente. A hipótese da pesquisadora era de que essa novela é realmente muito vista por eles, porém não oferece muito material para discussão. Além disso, *a novela das oito* costuma ser, quando faz sucesso, a trama que mais interage com a realidade cotidiana, além de provocar debates mais intensos com a família e os amigos.

2. 1. Resultados Encontrados no Primeiro Questionário:

O primeiro questionário apresentou todas as novelas que estavam sendo exibidas naquela semana, em todas as emissoras da TV aberta, para que os alunos respondessem, em escala, a frequência com que as assistiam. O confronto entre a assistência de *Malhação* e *Mulheres Apaixonadas* era um dos dados que mais despertavam interesse, nessa primeira fase. O resultado da tabulação comprovou a elevada audiência de ambas, com ligeira preferência pela primeira⁵.

Vale lembrar que essa etapa foi realizada em meados de abril, quando a novela do horário nobre ainda não estava superando recordes de audiência, como aconteceu nos meses seguintes.

⁵ Na fase seguinte, dos grupos de discussão, que não será relatada nesse artigo, foi confirmada pelos alunos a informação de que *Malhação* não costuma ser alvo de comentários, nem de discussões na família ou na escola, por se tratar de um produto de muita superficialidade e com capítulos de curta duração;

Até o final de abril, a tabulação do primeiro questionário já estava concluída e serviu de apoio para as reuniões seguintes com os professores.

Tabela 1 – total de alunos pesquisados

Total de 669 alunos	%
Feminino 393	59
Masculino 276	41

Tabela 2: alunos por idade

Idade	alunos	%
15	97	14,5
16	291	43,5
17	230	34,0
18	44	6,5
19	3	-
20	2	-
21	2	-

Pergunta: Você assiste novela?

Tabela 3: frequência com que assiste novelas em geral

Sexo	total	sim		às vezes		não	
Feminino	393	215	55%	149	38%	29	07%
masculino	276	73	27%	144	52%	59	21%
Total	669	288	43%	292	44%	88	13%

Nota-se uma diferença significativa entre o público jovem masculino e o feminino nas respostas. Os dados obtidos com a aplicação do primeiro questionário, confirmaram a impressão obtida por ocasião do primeiro contato em sala de aula. Os meninos fizeram muitas brincadeiras, dizendo que *novela era coisa de mulher*, o que suscitou a reação de uns poucos *corajosos* que assumiam assistir às novelas. A maior concentração na resposta dos garotos foi na opção *às vezes*, o que foi confirmado nas questões seguintes, em que foi pedido maior detalhamento da assistência dos programas. Entre os que manifestaram enfaticamente não gostar de novelas e relataram os motivos, o público masculino é bem maior que o feminino.

2.1.1 Sobre os que não assistem

Sobre os alunos que afirmaram não assistir às telenovelas (13%), alguns motivos para tal opção foram estimulados:

Motivos	feminino		masculino		total
	absoluto	porcentagem	absoluto	porcentagem	
não gosto	13	30%	30	70%	43
a família não assiste	02	50%	02	50%	04
Assiste a outros programas no horário	10	33%	20	67%	30
Tenho compromissos no horário	12	32%	25	68%	37

Tabela 4: motivos porque não assiste novelas

Outros motivos pelos quais eles alegam não assistir: “acredito que seja uma total alienação”, “não faz diferença assistir”, “gosto quando aprendo alguma coisa”, “trabalho e estudo”, “meu pai não deixa”, “não tenho paciência para TV”, “há muita malícia, sensualidade, é imoral”, “são poucas as novelas que gosto”, “estou estudando nesse horário”, “acredito que seja manipulação em massa”, “não tem conteúdo nenhum”, “são meios de alienação da sociedade”, etc . O teor dessas respostas interessou muito aos professores. Esse resultado despertou a idéia de se promover algumas discussões sobre o tema com todos os alunos, incentivando o debate de idéias contrárias, permitindo que os alunos que afirmavam ser a telenovela um produto de alienação, ao invés de se calarem diante da pesquisa, expressassem à classe suas opiniões.

A partir dessa etapa da pesquisa, os jovens que afirmaram não ver e não gostar de telenovela participaram apenas nos debates em classe e não dos questionários e grupos de discussão que se seguiram.

2.1.2 Sobre os que assistem:

Voltando à pergunta se assiste ou não às telenovelas, os dados apresentados correspondem ao universo dos que responderam que *sim* ou *às vezes*. Os que disseram que não assistem (13%) não responderam às questões abaixo. Os 581 alunos que assistem (mesmo que eventualmente) representarão, a partir desse momento, os 100%.

Os dados apontam que os jovens pesquisados costumam assistir, mesmo que às vezes, às telenovelas. As principais novelas apontadas são as da Rede Globo e, entre os que afirmam não assistir, os garotos estão em franca maioria.

Sobre a apuração da audiência da telenovela *Mulheres Apaixonadas* entre os estudantes:

Tabela 5: frequência detalhada com que assiste à novela *Mulheres Apaixonadas*

sexo	sempre		freqüent.		às vezes		raramente		Nunca		total
Fem	125	34%	84	23%	87	24%	42	12%	26	7%	364
Masc	15	6%	38	18%	49	23%	47	22%	68	31%	217
Total	140	25%	122	21%	136	23%	89	15%	94	16%	581

No último espaço do questionário, era perguntado se o (a) aluno (a) que afirmava assistir *Mulheres Apaixonadas*, desejava continuar participando da pesquisa. Surpreendentemente, 36% dos estudantes afirmaram ter interesse em continuar na pesquisa. Foi, então, preciso criar um outro instrumento que contemplasse a participação de todos os interessados. A idéia era que a seleção dos alunos que iriam participar dos grupos de discussão fosse feita por eles mesmos, pela demonstração do interesse pelo assunto.

O planejamento que se seguiu buscou a prática educativa sugerida por Heloísa Dupas Penteadó (2002) no *agir comunicacional*, na forma processual, com discussões coletivas a cada etapa para que, caso necessário, fosse viável um redirecionamento. A consideração do discurso dos alunos, num primeiro momento, se deu com os resultados dos questionários que se entrecruzaram com as experiências e (re)considerações dos professores. Houve interação de vários discursos: o da pesquisadora, com contribuições das reflexões ocorridas na universidade; o dos professores, com o saber científico, mais específico da sua área; o discurso da novela e da imprensa, que provocavam discussões entre o senso comum já obtido e o conhecimento a ser buscado; o dos alunos que, à medida que a pesquisa foi avançando, foi ficando cada vez mais nítido e sonoro.

3. Segunda etapa: os temas de maior interesse pelos jovens

No início de junho, foi aplicado um segundo questionário aos 243 alunos que optaram por continuar a participar da pesquisa. As perguntas eram fechadas, com opções de respostas em escala, sobre os núcleos, temas, personagens, consumos de revistas e outros programas. Havia uma pergunta aberta, sugerindo a indicação de cenas marcantes. Duzentos alunos responderam.

A novela escolhida teve uma peculiaridade: o autor radicalizou no seu estilo de trazer à tona muitas histórias paralelas à trama central. Em *Mulheres Apaixonadas*, o telespectador quase que não se lembrava mais da espinha dorsal da novela ou de quem eram os protagonistas, porque a cada mês uma história forte vinha à tona, focando em alguns personagens e deixando as outras tramas em segundo plano. A tabulação refletiu essa pulverização de assuntos

e pouca atenção à trama anunciada como central. Se por um lado, a novela favoreceu a pesquisa porque provocou muitos debates públicos e polemização na imprensa, por outro, as coletas de dados sobre as preferências temáticas variavam muito com o tempo. Em junho, a pesquisa de campo apurou interesse pelas discussões sobre o ciúme descontrolado de uma personagem e a virgindade da garota bonita e pobre que namorava um rapaz rico e bonito. Em agosto, o segundo assunto havia perdido relevância e a violência urbana havia tomado conta dos debates.

Alguns temas se mantiveram em alta nos vários meses da pesquisa, como o caso do ciúme doentio, a vilã que destratava os avós, a questão da virgindade, a violência doméstica. As situações relativas ao ambiente escolar não despertaram a atenção dos jovens, provavelmente porque a escola apresentada na novela foi considerada fora da realidade. Outros temas foram ganhando relevância durante o desenrolar da trama, como a menina preconceituosa, com vergonha de ser pobre, o relacionamento homossexual entre duas alunas da escola e os conflitos familiares decorrentes dessa opção.

Ciúmes de Heloísa	69,0%
Desajustes emocionais, insegurança, violência em relação ao ser amado, imaturidade no relacionamento amoroso	
Dóris com a família	62,5%
Conflitos intergeracionais, respeito à terceira idade, ética, conflitos familiares, marketing social da novela	
Namoro Edwiges e Cláudio	61,5%
Virgindade, traição, relacionamento entre pessoas de classes sociais diferentes, gravidez indesejada	
Segredo Téó com Fernanda	50,0%
Garota de programa, mistério com relação à paternidade, personagem infantil de grande empatia com o público	
Estela e Padre Pedro	48,5%
Socialite apaixonada por um padre, celibato	
Violência marido de Raquel	46,0%
Violência doméstica, coragem para a denúncia	
Alcoolismo Profª Santana	38,0%
Alcoolismo, problemas decorrentes do vício, rompimento com uma visão mitificada do professor	
Clara e Rafaela	38,0%
Homossexualidade entre duas adolescentes, preconceito, tolerância	
Fred e Raquel	36,0%
Relacionamento amoroso com grande diferença de idade, relacionamento entre professora e aluno, iniciação sexual	

<p> Lorena e Expedito 34,5% Relacionamento entre pessoas com grande diferença de idade e de classe social</p>
<p> Paulinha contra o pai 24,0% Preconceito, vergonha da pobreza, desrespeito ao pai</p>
<p> Cenas na clínica médica 22,5% Romances em ambiente de trabalho, relacionamentos profissionais</p>
<p> Grupo de teatro e Rodrigo 21,5% Experiência de teatro na escola, personagem revoltado contra o pai, convivência juvenil</p>
<p> Cenas no hotel 17,5% Relacionamentos profissionais, ambiente sofisticado</p>
<p> Helena como diretora 15,0% Ambiente de escola particular de classe média alta, “escola parece um clube” , escola privada/pública</p>
<p> Helena e Téo 14,5% Separação de casal, adoção de filhos, traição</p>
<p> Professores da escola 12,5% Ambiente escolar, problemas internos de uma escola</p>

Tabela 6: percentual de alunos que no questionário em escala apontaram esse temas como de muito interesse.

4. Terceira Etapa: conversas sobre a novela em sala de aula

No início de agosto daquele ano, os professores de português solicitaram à pesquisadora que auxiliasse, com textos sobre a novela, a aplicação de uma atividade pedagógica, de interesse dos professores, com debates em grupos e produção de textos. A sugestão partiu da análise do resultado do primeiro questionário, especialmente da opinião dos alunos que afirmaram não assistir telenovela por entender se tratar de instrumento de alienação. Os professores gostariam de estimular o confronto de opiniões sobre o assunto.

Os textos de apoio, sobre os temas polêmicos apresentados na novela, foram extraídos da imprensa e de revistas especializadas. Cada grupo de alunos escolhia um dos temas sugeridos e debatiam durante uma aula. Na aula seguinte, ainda em grupo, produziam um texto que revelasse as contradições do debate.

Entre os temas propostos a maior parte dos grupos escolheu as questões da homossexualidade de Clara e Rafaela e da violência doméstica sofrida pela professora. Outros temas de muito interesse foram: a virgindade de Edwiges e o triângulo amoroso criado entre ela, seu namorado e a filha da empregada. Desse debate, derivava um outro assunto: gravidez indesejada. Outras temáticas escolhidas por muitos foram a da jovem rebelde Dóris e sua relação

familiar conflituosa, inclusive de maus tratos aos avós; a do ciúme doentio e tratamento numa terapia de grupo da personagem Heloísa e o câncer de mama da personagem Hilda.

Os debates foram calorosos. Era muito comum a polarização entre garotos e garotas, especialmente nos temas que envolviam a sexualidade. Na questão da gravidez indesejada, por exemplo, os garotos defendiam que a prevenção deveria ser assunto de meninas, o que era veementemente contestado por elas, lembrando, inclusive das doenças sexualmente transmissíveis.

Quando falavam da Dóris, demonstravam muita emoção, pois muitos fizeram depoimentos que moravam com os avós, sendo que alguns dividiam o quarto com eles (meninos e meninas). Ficou nítido que o respeito pelos avós era um valor muito forte nas famílias e a personagem Dóris, embora revelasse a impulsividade própria dos adolescentes, mexia com sentimentos muito profundos. As discussões apontavam o quanto os avós eram responsáveis pela administração da casa e merecedores do carinho dos netos. Alguns dos jovens falavam sobre o lado negativo de se viver com velhos, porém, o quanto eles eram merecedores de respeito.

O ciúme doentio da personagem Heloísa, brilhantemente interpretado pela atriz Giulia Gam foi talvez a trama que mais mobilizou emoções durante toda a novela, não apenas entre os jovens pesquisados (tanto nesses debates em sala de aula, como nos seguintes e nos dois grupos de discussão finais), mas também nas pesquisas de mercado realizadas (algumas com observação direta da pesquisadora e outras informadas pela imprensa). A personagem buscava ajuda num grupo de apoio de nome MADA (Mulheres que Amam Demais), o que despertou enorme procura por esse tipo de serviço. Entre os jovens, ficou claro que, embora a personagem fosse adulta, ela revelava uma imaturidade emocional muito grande, causando grandes transtornos em sua vida pessoal. Particularmente as meninas se identificavam muito com a personagem, pois, na adolescência, a questão do ciúme descontrolado e da insegurança são problemas constantes dos relacionamentos amorosos.

Após a correção dos textos produzidos com os debates, os professores colocaram esse material à disposição da pesquisadora. Foi verificado que, ao sugerir a produção de um texto para avaliação dos professores, a tendência era registrar idéias do senso comum, legitimadas socialmente e não as contradições surgidas no debate. Em relação aos debates palpitantes ocorridos em classe, os textos produzidos demonstraram certo empobrecimento da discussão. Tal situação nos remete à questão da obrigatoriedade dos trabalhos escolares e a carga negativa que

os textos produzidos trazem. Martín-Barbero (1996) nos alerta para o fato da escola tratar do texto impresso como o único saber legitimado, em prejuízo da marcante influência do audiovisual na formação dos jovens. A ausência de debates na escola faz com que os estudantes também não levem a sério as conversações sobre a novela. As famosas “redações para nota” são encaradas como “lição”, enquanto os debates pareciam “excentricidades interessantes”, mas que deveria ficar apenas entre eles.

Em setembro, tiveram início as discussões em grupo sobre a novela, após o horário de aula, de segunda a quinta-feira. Essa atividade durou cinco semanas, das segundas às quintas feiras, das 11:40 h às 13 horas, aproximadamente. Eram exibidas algumas cenas da novela (apontadas anteriormente por eles) que desencadeavam o debate. Esses debates eram anotados pela pesquisadora. Aproximadamente 25 alunos se envolveram nessa etapa, divididos em grupos pequenos, em cada dia da semana.. Durante todo o percurso da pesquisa, a proporção de 20% de garotos em relação às garotas se manteve.

As cenas exibidas foram fundamentais para que as discussões se desencadeassem. Ficou claro que o fato da novela ser um repertório conhecido e sobre o qual *qualquer pessoa pode falar*, contribuía para a desinibição. Os debates foram conduzidos pela pesquisadora de forma que, depois de se falar das personagens ou das cenas, os alunos também falassem sobre sua família e o modo como a novela era vista (com quem, com que frequência etc).

A partir da terceira semana dos debates após o horário das aulas, os jovens estavam nitidamente mais soltos e falantes, fazendo depoimentos tocantes em relação ao seu cotidiano, problemas familiares e angústias sobre o futuro deles. Nessa fase, a discussão foi encaminhada para uma reflexão que ia do particular para o público, do específico para o genérico. Da jovem que maltratava os avós, caminhava para a questão da ética, dos direitos da terceira idade, mas, principalmente, sobre a educação dos filhos e conflitos familiares inter-geracionais. Da mesma forma, o alcoolismo, a violência contra a mulher, os problemas da escola pública (a falta de verossimilhança da escola da novela era percebida e apontada todo o tempo). A discussão era provocada pela pesquisadora, mas rapidamente assumida, com muita emoção, pelos jovens.

Um dos temas polêmicos que a novela levantou merece ser destacado: a homossexualidade feminina entre duas adolescentes. O tema estava entre os preferidos dos alunos e o preconceito apontado pela mãe de uma das personagens era rechaçado. No entanto, era claro que a novela sugeria uma tolerância abstrata, irreal nos espaços escolares. Havia um incômodo

entre os alunos, quando se buscava uma conversa mais profunda, que trazia à tona o forte preconceito ainda existente sobre o assunto.

Outro tema de destaque foi a questão da educação dos filhos e a violência do pai contra a filha adolescente *mal criada*. Notou-se certa ansiedade para que se falassem de seus conflitos com os pais e de muitas *injustiças* que sofrem, por erros de avaliação dos pais. As contradições entre a posição de que os pais não devem bater nos filhos e a *torcida* pra que a personagem que maltratava os avós apanhasse foi assunto de vários encontros. Novamente nesse momento surgiu o dado de que muitos dos jovens moravam com os avós, dividiam o quarto com eles e conviviam na sua residência com agregados da família. A posição da personagem de exigir dos pais um melhor padrão de vida (como um quarto só para ela) era visto como *um luxo impensável* para a realidade deles (*coisa de novela*).

Outros temas levantados nessa etapa, citados como muito presentes na vida cotidiana foram: a questão da virgindade e educação sexual, a violência urbana, a violência doméstica, o ciúme doentio nos relacionamentos amorosos e a falta de *senso de realidade* da personagem pobre que queria ser rica.

No início de outubro, foi proposta a realização de dois grandes debates na parte da tarde, com todos os alunos que discutiam ao final da aula. Nem todos demonstraram interesse ou disponibilidade. O primeiro desses debates vespertinos foi realizado em 8 de outubro, com dez alunos (oito meninas e dois meninos), fora do espaço da escola, com duas horas de duração e registrado através do serviço de um estenotipista. Tratava-se da última semana de exibição da novela. O segundo debate ocorreu em 14 de outubro, nos mesmos moldes, mas com 3 horas de duração, dias após o término da novela. Em primeiro de dezembro, foi realizada uma reunião com sete desses alunos e as professoras de português dos 3ºs anos para uma avaliação das atividades da pesquisa, realizadas ao longo do ano.

Embora os resultados dos grupos de discussão do final da novela não estejam colocados nesse artigo, pode-se adiantar a conclusão de que a telenovela é um excelente produto para o estímulo e aprofundamento de questões muito relevantes no processo educacional, mas sem a presença de um mediador, as conversas sobre a telenovela tendem à futilidade. Deve-se reconhecer que a telenovela emociona o jovem e que eles demonstram uma visão crítica em relação à manipulação das emissoras, ao apelo ao consumismo, à falta de verossimilhança de algumas abordagens. No entanto, a presença de um educador é que pode qualificar esse debate.

Pôde ser constatado que a discussão sobre a telenovela deve ser assimilada pela escola, mas esta também deve investir na formação do professor na qualificação dos debates.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERCROMBIE, Nicholas. "Watching Audiences", in *Television and Society*, Cambridge : Polity Press, 1996.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1992
- CITELLI, Adilson. *Comunicação e Educação. A Linguagem em movimento*. São Paulo, Senac, 2000.
- _____, (coord.) *Outras Linguagens na Escola*. São Paulo: Cortez, 1999.
- FISKE, John. *Television and Culture*, London and New York: Routledge, 1987
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas*- São Paulo: EDUSP, 2000.
- HELLER, Agnes *O cotidiano e a História*, São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LOPES, Maria Immacolata V., BORELLI, Sílvia H. S., RESENDE, Vera R., *Vivendo com a Telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade*, Summus Editorial, São Paulo, 2002
- _____, "Telenovela: uma narrativa sobre a nação" em *Comunicação e Educação*, nº 26, São Paulo: CCA-ECA-USP/Ed.Salesiana, 2003
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- _____, "Heredando el Futuro. Pensar la Educacion desde la Comunicacion", in *Revista Nómadas*, nº 5, Bogotá, 1996
- _____, "Globalização comunicacional e transformação cultural". In: Dênis de Moraes (org). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003
- MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, Germán. *Os Exercícios do Ver, Hegemonia Audiovisual e Ficção Televisiva*, São Paulo: Editora Senac, 2001.
- MORIN, Edgar, *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, São Paulo: Ed. Cortez, 2001
- MOTTER, M. Lourdes, "A Telenovela: Arte do Cotidiano", in: *Revista Comunicação e Educação*, 13, São Paulo: Moderna-ECA, set/dez/1998.
- _____, "A Telenovela: Documento Histórico e Lugar de Memória", *Revista USP*, 48, São Paulo: EDUSP, 2000/2001.
- PENTEADO, Heloísa Dupas (org.) *Pedagogia da Comunicação, teorias e práticas* São Paulo: Ed. Cortez, 1998.